

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS DARCY RIBEIRO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SEGREGAÇÃO DE
GÊNERO**

Felipe Machado Nascimento

BRASÍLIA-DF 2016

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SEGREGAÇÃO DE GÊNERO

Felipe Machado Nascimento

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

ORIENTADOR: Ms. DANIEL CANTANHEDE BEHMOIRAS

FELIPE MACHADO NASCIMENTO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SEGREGAÇÃO DE GÊNERO

___ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Daniel Cantanhede Behmoiras – Orientador

Prof. Dr. Juarez Oliveira Sampaio

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Daniela Machado, que tanto me apoiou em minhas decisões. À minha família, que sempre esteve ao meu lado nos momentos de crise. À minha namorada, por todo apoio e suporte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitário, mas que, em todos os momentos, é o maior mestre que alguém pode conhecer. Agradeço à Deus por ter dado saúde e força para superar as dificuldades; por minha vida, família e amigos.

Agradeço à Universidade de Brasília, pela oportunidade de fazer o curso e pelo ambiente criativo e amigável que proporciona. Agradeço a esta universidade, ao seu corpo docente, à direção e à administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes. Ao professor Daniel Cantanhede, pela orientação, apoio, confiança e pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho. À Prof^a. Ms. Priscila Nayade Moraes Lima pelo paciente trabalho de revisão da redação.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Agradeço à minha mãe Daniela Machado, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Ao meu pai, que, apesar de todas as dificuldades, me fortaleceu e que para mim foi muito importante. Obrigado aos meus irmãos, que, nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
3 METODOLOGIA	22
3.1. Amostra	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Organograma de atividades de atividades entre meninos e meninas...	16
Tabela 2 – Artigos revisados	24-25

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organograma de habilidades entre meninos e meninas	18
Figura 2 – Organograma das buscas nas bases de dados e nas revistas científicas	23
Figura 3 - Organograma de sistematização das buscas nas bases de dados e nas revistas científicas	23

LISTA DE SIGLAS, ABREVIACOES E SÍMBOLOS

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior **CNPq:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (antigo Conselho Nacional de Pesquisas)

RBCE: Revista Brasileira de Ciências do Esporte

DF: Distrito Federal

EF: Educação Física

EFE: Educação Física Escolar

FEF: Faculdade de Educação Física

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

UnB: Universidade de Brasília

RESUMO

A forma como são regidas as aulas de Educação Física Escolar (EFE) foi o ponto de partida para o início da pesquisa. O modelo de aula separatista no qual há a divisão por gênero nas atividades das aulas de EFE traz consigo um peso histórico-cultural que deve ser analisado e erradicado pelos docentes da disciplina de Educação Física (EF). A segregação nas aulas de EFE é uma herança de uma EF militarista e já superada por todas as outras disciplinas. Na matemática, história, português são as mesmas atividades, os mesmos conteúdos para todos. A EFE não é lugar para o rendimento atlético e esportivo. Tal característica é inerente a clubes e até mesmo da escola como estrutura nos horários fora da EFE. A escola como instituição deve ir contra atividades que tenham o desempenho motor como principal forma de obtenção de pontos e notas nas atividades. A escola enquanto estrutura física pode muito bem ser utilizada para o alto-rendimento, contanto que não interfira na educação dos alunos da instituição e comunidade. Tais atos partitivos são trazidos pelos alunos quando saem da escola, pois lá é o lugar no qual eles aprendem boa parte do convívio em sociedade, e lá mesmo, no lugar onde deveria estar sendo ensinado as diferenças de gênero e como conviver com elas, há uma ação separatista nas aulas de EFE, a qual são observadas pelos alunos e trazidas para a atuação em sociedade. O objetivo geral deste trabalho é elaborar um diagnóstico que traga informações concretas sobre o fenômeno da segregação por gênero nas aulas de EFE com base na revisão da literatura. O método utilizado foi o de revisão bibliográfica, buscando artigos científicos nos periódicos *Revista Movimento*, *SciELO*, *Pensar a Prática* e *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, sendo analisados, no total, 10 (dez) artigos. O papel do docente nesse processo de desconstrução sócio-cultural é fundamental para que haja o erradicação do sexismo nas aulas de EFE e, posteriormente, levados para a sociedade.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Gênero; Sexualidade.

1 INTRODUÇÃO

A segregação por gênero é considerada uma violência com a própria liberdade do ser humano de expressar a sua essência da forma como bem lhe convém. Dessa forma, o que se percebe é que essa violência de cunho separatista possui uma grande problemática envolvida, atingindo uma grande relevância nos âmbitos sociais e políticos. Os conceitos ou quaisquer tipos de julgamentos sobre essa realidade, com base em compreensões errôneas com relação a esse assunto na íntegra, podem se tornar obstáculos para a compreensão desse e representam grande fator de risco para o incentivo à tolerância e ao controle desse problema que assola a sociedade atual.

A partir de leituras hodiernas, percebe-se que a discriminação e a violência contra o gênero feminino associam-se a representações distorcidas sobre a mulher, que foram construídas a partir de um padrão tradicional de cosmovisão de mundo, o qual possui sérias resistências para encontrar a quebra de alguns pensamentos antiquados quando comparados às exigências do mundo contemporâneo.

Antes de entender essas questões de maneira mais aprofundada, é preciso compreender as origens de alguns termos essenciais para uma discussão como essa. Com base na literatura sobre o assunto, segundo Nascimento (2000), para entender tal problemática, é importante fazer a distinção entre gênero e sexo e estudá-los principalmente por meio de abordagens sociais e por meio do trabalho vinculado com a conceituação de gênero. Esse termo último tem sua utilização na representação de características socialmente construídas, que constituem a definição dos termos “masculino” e “feminino” (Organización Panamericana de la Salud, 1993). Sendo assim, “em uma visão pós-estruturalista, gênero se trata de uma compreensão binária das diferenças sexuais, a partir da hierarquização de símbolos e significados de seus papéis sociais” (SCOTT, 1995). Enquanto isso, do outro lado, tem-se que o vocábulo “sexo” reserva-se apenas às características biológicas predeterminadas que fazem o homem e a mulher possuírem suas diferenças estruturais no que tange ao seu próprio corpo. Com base nessa diferença, é perceptível que “aprende-se a ser homem ou mulher e essa aprendizagem fica impressa nas camadas mais profundas da personalidade” (Stain,

2000). Ou seja, “identidade de gênero se refere a como nos enxergamos ou nos reconhecemos diante dos padrões de gênero estabelecidos socialmente” (GROSSI, 1998).

Partindo para um âmbito mais social, o que se percebe hoje em dia é que a influência midiática é um forte contribuinte para a discriminação de gênero enraizada no pensamento do ser humano moderno. Como prova disso, tem-se a objetificação da mulher em propagandas, filmes e jogos; o que é limitante, tendo em vista que a figura feminina fica associada apenas ao âmbito de uma aparência idealizada e surreal, podendo desenvolver questões segregativas até mesmo entre as próprias mulheres, já que, quando não atingem esse padrão, são marginalizadas cruelmente. Em vários casos, tornam-se comuns exemplos de mulheres seminuas servindo cervejas ou lutando com pouquíssimas roupas, como é em alguns jogos de vídeo-game. Considerando a importância dessas ferramentas na formação do entendimento de mundo de uma criança ou adolescente, é inocente crer que esse tipo de disseminador de padrões não afeta a complicação que se tem na discussão do papel social do gênero feminino.

Na década de 1970, é dado o início da institucionalização do novo movimento promovido pelas mulheres, atingindo do popular ao ambiente acadêmico nas Universidades. É inaugurado, então, com essa postura, o enquadramento dos enfoques desse “novo” problema social: a superação da educação diferenciada de homens e mulheres na escola e da veiculação de estereótipos sexuais no currículo escolar. Tal diferenciação vem sido superada para as demais matérias, porém a Educação Física (EF), insistentemente, ainda continua usando o mesmo pretexto de que, biologicamente, as mulheres teriam desvantagens entre os homens (Altmann, Ayoub e Amaral, 2011). A partir disso, as atividades trabalhadas dentro dessa disciplina apenas refletem um pensamento sexista e colabora diretamente para a propagação do ideal segregativista de gênero.

Com base nessa arguição inicial, chega-se ao ponto principal desse trabalho, sendo sua importância determinada pela emergência de uma mudança nos parâmetros do desenvolvimento das aulas de EFE. Essa quebra de paradigma afina-se com movimentos sociais emergentes na sociedade contemporânea relacionados ao desenvolvimento de discussões sólidas sobre questões de gênero e principalmente de respeito à sua devida variabilidade no contexto atual. Percebe-se

novamente que esse trabalho é fundamental, já que se percebe uma verdadeira desconexão da escola, âmbito de formação crítica do indivíduo, lugar onde os adolescentes e as crianças deveriam estar se formando para viver harmonicamente em sociedade; com a realidade encarada hoje, já que existe esse tipo de pensamento no âmbito educacional.

De acordo com Nogueira e Rodrigues (2008), a EFE é uma disciplina que, na escola, diferencia-se das demais do currículo escolar quanto à formação de turmas. Dessa forma, o conteúdo que é passado nas outras disciplinas é o mesmo para todos os alunos e é passado da mesma forma, entretanto, tem-se verificado a separação dos alunos por gêneros masculino e feminino nas aulas de Educação Física Escolar (EFE). Assim, compreende-se essa atitude como segregadora e discriminatória, na medida em que continua reproduzindo os preconceitos ainda vigentes na sociedade.

É necessário esclarecer que o objetivo da EFE não está vinculado ao alto rendimento, o que é perceptível quando há a comum confusão entre espaço escolar e EFE. Existe a possibilidade de haver treinamento de alto rendimento na escola, ainda mais se houver uma boa estrutura, entretanto, isso não ocorre durante as aulas de EFE. Para Nogueira e Rodrigues (2008), a disciplina de Educação Física, por meio de suas aulas, permanece reproduzindo uma educação sexista na medida em que os professores continuam a basear-se no gênero para formar turmas, reforçando os papéis sexuais na escolha de atividades “próprias” para meninos e meninas, separando assim equipes masculinas e femininas nas competições escolares.

Porém, considerando o que já foi dito anteriormente ainda nessa discussão, não haveria necessidade de uma atitude separatista para se realizar exercícios e atividades físicas durante das aulas de EFE. Infelizmente, a realidade está ainda muito retrógrada no que tange a essas questões na maioria das escolhas do DF, principalmente quando se trata de atividades não ortodoxas do parâmetro curricular da EFE, que são os quatro esportes: Futebol, Vôlei, Basquete e Handebol.

O objetivo geral deste trabalho é elaborar um diagnóstico que traga informações concretas sobre o fenômeno da segregação por gênero nas aulas de EFE com base na revisão da literatura. Os questionamentos giram em torno do motivo dessa recorrência, da quantidade de atividades que se utilizam dessa prática partitiva e sobre qual seria sua causa, dentro e/ou fora da aula, desse fenômeno.

Além de buscar respostas, esse trabalho tem como objetivos específicos evidenciar essas atividades segregativas, descobrir de onde/quem parte a ação segregativa e por que tal ação ocorre, colocando-as como uma questão que precisa ser superada dentro das aulas de EFE.

A transcendência crítica, sendo essa a superação dos conceitos preestabelecidos, da estereotipia sexual, que se vincula ao aspecto de uma conceituação preestabelecida, generalizada e congelada sobre os papéis de gênero; e do pensamento mecanicista sobre as questões antagônicas presentes na sociedade possibilita o surgimento de novas estratégias metodológicas e intervenções mais adequadas às demandas da sociedade contemporânea. Assim como, nessa mesma discussão, surge a orientação de práticas corporais para corpos sem denominações preestabelecidas, com possibilidades infinitas de descoberta e autoafirmação. A diversidade deve ser vista como algo a ser abordado na escola e nas aulas de EFE, considerando as especificidades de cada região e instituição, aproveitando as inúmeras ocorrências entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem da cultura corporal.

O diálogo entre EF e Ciências Humanas se mostrou fundamental na ampliação dos horizontes teóricos aqui vislumbrados. Conforme o contato com as diferentes formas de conceituação de termos, como o próprio sexismo, que seria um conjunto de pensamentos e comportamentos que trabalham com a discriminação de um gênero ou orientação sexual em detrimento de outro. Assim como esse, outros conceitos possuem também sua devida importância para entender as questões de separação de gênero como o machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia, que são conceitos presentes na sociologia moderna e que precisam ser trabalhadas em sala de aula junto aos alunos. É por esse e pelos outros motivos supracitados que o único caminho para a real mudança estrutural nas aulas de EFE que, mesmo em uma sociedade que passa por inúmeras inconstâncias e vive uma verdadeira crise de identidades que necessitam da sua devida representação e respeito, ainda insiste em um comportamento sexista nas suas aulas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Os artigos analisados mostram diferentes pontos de partida para a segregação por sexo; em alguns é citado que a iniciativa parte dos professores, em outros dos alunos. Entretanto, em todos os artigos analisados, é dito que é função do professor e da coordenação da escola trabalhar para que a segregação não aconteça e que sejam rompidas as visões naturalistas e biologicistas que sustentam a segregação por sexo (SABATEL et al, 2016). É defendido que o professor, junto à coordenação da escola, deve ensinar os valores de atividades mistas, para que tais atitudes trazidas de fora da escola não sejam reproduzidas dentro e fora do âmbito escolar e, quando estiverem fora do âmbito escolar, não reproduzam os efeitos negativos da segregação por sexo/gênero e tenham um bom convívio em sociedade.

A qualidade do docente é o fator determinante para desconstruir o sexismo social. Sendo assim, a ação segregadora não pode partir nunca do professor, pois ele é a peça chave para impedir que tal ação ocorra. Considerando novamente um ponto que foi colocado na introdução desse trabalho, a escola é um espaço importantíssimo na vida de qualquer indivíduo já que é a partir dela que há o desenvolvimento pensamento crítico e da formação opinativa que regirão, posteriormente, um inconsciente coletivo harmônico e que influenciará novos indivíduos que chegarão nesse espaço. Dessa forma, a escola, além dos muitos funcionários que a compõem em toda sua estrutura orgânica, depende do professor para conseguir estabelecer um pensamento vário em seus alunos e tornar essa prática como prioridade do seu trabalho. Torna-se incoerente formar um aluno preconceituoso e sexista, que sairá da sala de aula de encontro com os diferentes paradigmas sociais encontrados atualmente, desejoso de que ele saiba lidar com o nível de variação de pessoas, pensamentos e ideologias que a atualidade traz para as pessoas no século XXI.

Obviamente, essa realidade não surge de maneira arbitrária: ela é incentivada por meio de determinados fatores que acabam gerando um comportamento comum passível de repetição. Um desses fatores seria a motivação, que, de grande forma, já é um fator que gera segregação. Percebe-se que os alunos do sexo masculino são mais motivados, por motivos que serão desenvolvidos em breve, para as aulas de EFE (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012). Enquanto se percebe uma euforia maior com os meninos, do outro lado, as meninas realizam a prática recorrente de

auto-exclusão das atividades propostas, por mais que elas apresentem um interesse comum para os dois sexos. Dessa forma, é perceptível que, na maioria das vezes, as garotas tendem a ficar sentadas, alocadas em espécies de bancos ou arquibancadas – estruturas comuns de quadras escolares – apenas observando a atividade, comentando sobre ela e sobre o desempenho dos garotos. Nessa mesma pesquisa, percebia-se que, durante a organização das atividades, as meninas se mostravam mais comportadas e organizadas, enquanto os meninos se movimentavam muito e não conseguiam ficar muito tempo parados. Tal comportamento é oriundo de um contexto histórico-cultural no qual a menina é incentivada, desde os anos iniciais, a se mostrar comportada, no que tange à ideia de pouca movimentação corporal ou qualquer tipo de euforia demonstrada em ações físicas. Enquanto isso, as ações de agitação e euforia, quando observadas do lado do menino, são plenamente justificadas pelo seu sexo, com a alegação muito comum de que os garotos tendem a ser mais bagunceiros e tumultuados que as meninas. Observando à luz desses conceitos sexistas, o que se percebe na verdade é que tudo é uma questão de incentivo a diferentes tipos de comportamento, que, novamente, tendem a se repetir várias vezes durante a formação da personalidade infantil, tendo como consequência direta os comportamentos, como os supracitados, tornando-se cada vez mais comuns na sociedade hodierna.

Dessa forma, o que se percebe que, sim, é uma questão cultural limitar o comportamento das meninas e manter livre o comportamento dos meninos em diferentes contextos. Para explicar algumas dessas realidades, tem-se a tabela 1:

MENINOS		MENINAS
✓	Ir à rua	X
✓	Sujar-se	X
✓	Correr	X

Tabela 1: organograma de atividades de atividades entre meninos e meninas.

Fonte: próprio autor (2016)

Tornando essa questão mais esclarecida, percebe-se uma justificativa muito pertinente para o comportamento das meninas nas aulas de EFE, que é uma disciplina que trabalha diretamente com o corpo. Se a garota, desde sempre, é desmotivada e privada de praticar atividades corporais, é bastante evidente que ela carregará esse tipo de formação para a adolescência e conseqüentemente para a vida adulta. Essa cultura tenta ser desconstruída hoje, com incentivos diversos como escolas de “desprincesamento”, incentivos de marcas para se desmistificar discursos como a depreciação em cima da atribuição “como uma garota”, a qual simboliza uma atitude carnavalesca e ridícula. Porém, essa realidade se mantém praticamente inalterada em muitos âmbitos já que o pensamento de que a menina deve permanecer com o estereótipo de fragilidade e “boa moça” ainda é incentivado.

Ainda na pesquisa da Altmann (2012), durante as atividades da EFE, as meninas precisavam de regras que delimitassem as atividades, orientações que as guiassem em seus movimentos corporais, diferentemente dos meninos, que já se mantinham livres e não precisavam dessa atitude. Tendo em vista essa realidade discrepante, e considerando que é um aspecto cultural, é necessário um empoderamento na fisicalidade (do inglês *physicality*), que se baseia na ação do desenvolvimento de hábitos sobre atividade, físico e participação em diversas situações que envolvem esse tipo de trabalho, para que não haja mais a dependência de regras e que tal ensinamento possa ser levado para outras situações, dentro e fora da escola.

Inserido nisso, ainda se encontra outro problema grave. O comportamento quieto e organizado, sem muita euforia e atividade, é bem visto pela grande parte dos professores, inclusive sendo os praticantes desse tipo de atitude considerados melhores alunos que os que não o são. Ou seja, percebe-se que, indiretamente, os docentes incentivam essa prática e tendem a passá-la para frente, com inúmeras formas de determinar o comportamento desses estudantes, por meio de mapeamentos de sala, punição pela retirada de notas, advertências, suspensões, enfim, qualquer atividade que saia da ideia de disciplina e boa formação que a escola acredita ser a certa.

Muitas vezes o pensamento de que os meninos são superiores às meninas fisicamente é um fator determinante para desmotivação delas durante as aulas de EFE e, com isso, leva-se à baixa participação delas nas atividades, explicando a segregação gerada. No entanto, nem sempre as atividades são mais propensas

para os meninos, mas o pensamento de que eles são superiores faz com que elas se sintam marginalizadas perante a proposta da atividade. Com isso, os meninos participam mais, treinam mais e se tornam, de fato, superiores, como mostra o a figura 1:

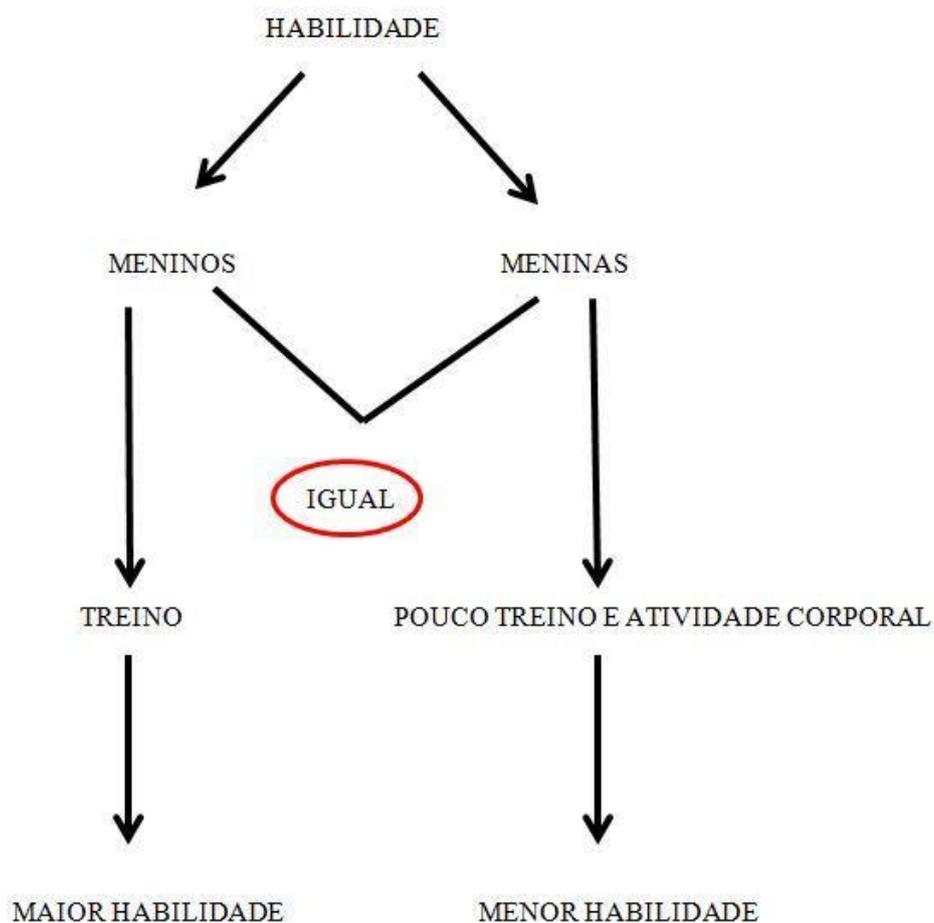


Figura 1 – Organograma de habilidades entre meninos e meninas

Fonte: Próprio autor (2016)

Valentini (2002) acredita que a percepção das capacidades motoras é pobre nas crianças, o que é possível associar com a percepção de desempenho motor das nelas próprias, levando-as a não acreditarem na sua capacidade motora para realização de atividades físicas. Sendo assim, o estímulo para conhecer os limites de capacidade motora nas crianças é algo essencial para erradicar parte do problema do preconceito por sexo nas atividades de EFE. Na medida em que os alunos forem tendo consciência das suas capacidades motoras, eles poderão decidir se querem ou não entrar nas atividades tendo em vista um real fundamento para tal,

podendo, assim, dividi-las por níveis de habilidade e não pelo pressuposto da habilidade pelo sexo envolvido.

Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010) mostram que há muitas evidências de que existe a segregação por sexo/gênero nas aulas de EFE, principalmente quando a temática da aula é esporte. Entretanto, os esforços medidos para desvendar as principais causas, de onde parte e possíveis intervenções não são bem exploradas pela literatura. Há uma tendência na forma de lidar com esse problema, salientando a sua existência, mas não as origens e possíveis soluções.

Esse mesmo estudo mostra que o fator habilidade é determinante para a exclusão, não só por sexo/gênero, mas em geral tanto de meninos e meninas. Isso parte da falta de consciência motora dos alunos como citado nos artigos anteriores e da presunção de que meninas são inferiores athleticamente.

Matos (2016) concluiu que as implicações da possível participação ou não participação das meninas nas aulas de Educação Física Escolar vem de longa data, são construídas e enraizadas historicamente, preconizadas pela sociedade, na qual quem pratica esporte é apenas o gênero masculino, e que o sexo feminino está apenas estabelecido em papéis secundários, evidenciando a superioridade da força masculina. Sendo caracterizado como uma limitação, ou até uma barreira a ser vencida pela escola, pela Educação Física Escolar, para que ocorra a miscigenação da classe nas atividades escolares como um todo e conseqüentemente maior participação das meninas. Assim, de acordo com a história, a educação tem colaborado para essa perpetuação da estereotipia sexual, em que os preconceitos sexuais têm como base argumentos na ordem biológica, desencadeando uma diferença exacerbada de experiências vivenciadas por ambos os sexos, interferindo diretamente em sua vida na sociedade. Nesse sentido a evasão das meninas do esporte se repete, já que historicamente os meninos ocuparam o lugar privilegiado nesse espaço e, caso continue esse pensamento, tendem a continuar ocupando; por isso a emergente necessidade de mudança nos parâmetros formativos dos indivíduos ainda na escola. Outro ponto a ser discutido referente ao tema é que, para que aconteça uma participação significativa do gênero feminino nas aulas de Educação Física, é fundamental o papel do docente e da escola, que têm a função de estimular e motivar as meninas a aflorar o desejo de praticar atividade física de maneira prazerosa, desenvolvendo e esboçando aulas criativas no curso. Nesse momento, fica comprovado o quanto é necessário a importância do professor e da

instituição ao desenvolver métodos e estratégias no desenrolar de seus planos de aulas, elaborando métodos e estratégias na aplicação e planejamento de suas aulas com conteúdos que serão abordados durante o ano com a finalidade de que se diminua o desinteresse e a evasão dos alunos nas aulas de Educação Física.

Um dado muito interessante foi a utilização de imagens em livros didáticos em Educação Física (GONZÁLEZ-PALOMARES; ALTMANN; REY-CAO, 2015). Nesses livros há uma porcentagem claramente maior de homens ilustrados que mulheres. Em alguns casos, até mesmo aparecem mais homens e mulheres juntos na mesma imagem com mais recorrência que apenas mulheres, sozinhas, nas figuras. Nota-se que até nas representações de um livro didático o sexo masculino é mais representado atleticamente que o feminino, o que já leva a associações errôneas nesse âmbito esportivo.

Duarte e Mourão (2007) trazem evidências de que as meninas gostariam de que as aulas de EFE fossem mistas, pois, dessa forma, elas ampliariam suas experiências motoras e vivências culturais. Para elas, também é importante a superação, oriunda principalmente dos meninos, dessa tendência naturalista de que as meninas são naturalmente inferiores esportivamente. Quando as meninas foram colocadas juntamente com os meninos, percebe-se que algumas sofrem pela própria falta de habilidade enquanto outras conseguem até mesmo superar os meninos, quebrando uma corrente naturalista incrustada na sociedade mundial por séculos. Outra questão trazida pelas meninas é que, com a aula mista, haveria um verdadeiro trabalho com o espírito colaborativo, gerando uma maior cooperação nas aulas de EFE.

Sayão (2002), por fim, alega que há uma compreensão de como os meninos e as meninas constroem-se como homens ou mulheres e a partir de quais valores e concepções. Esse aprendizado impele-nos de agir intencionalmente na tentativa de eliminar ou reduzir algumas hierarquias e estereótipos impostos socialmente para os papéis masculinos e femininos.

3 METODOLOGIA

De acordo com Gil (1999), a pesquisa bibliográfica ou revisão de literatura é desenvolvida a partir de material já elaborado, como livros e artigos científicos. A principal vantagem desse modelo de pesquisa consiste em permitir uma abrangência de fenômenos muito maior do que a que seria feita diretamente. Indispensável aos estudos históricos e à identificação do estágio de conhecimento em que se encontra o tema investigado, na revisão de literatura, convém analisar as diversas fontes de dados e suas possíveis incoerências ou contradições.

Foi realizado um levantamento de artigos de Educação Física no período de 2002 a 2016. Foram coletadas as pesquisas através do banco de dados das revistas *Movimento*, *Revista Brasileira de Ciência do Esporte (RBCE)*, *Pensar a Prática* e do periódico *SciELO*. Foram feitas as combinações das palavras “gênero” e “educação física escolar”; “gênero”, “sexismo” e “escola”, encontrando sete estudos. Esses utilizavam o termo gênero no sentido de diferenças sócio-históricas entre homens e mulheres. Dessa forma, sabemos que o debate de gênero é dinâmico e intenso, sendo assim, várias obras têm surgido e apresentado novos rumos. Entretanto, a evidência que temos é que existe a segregação de gênero nas aulas de EFE. O que se percebe é que as informações que permanecem turvas são, especificamente, de onde parte tal ação partitiva.

3.1 – Amostra

A seleção dos artigos seguiu como critério o conteúdo de informações pertinentes ao tema das relações de gênero e sexualidade na Educação Física Escolar e na Educação de forma geral, inicialmente, sem limitação em relação ao ano de publicação, tendo sido selecionados artigos datados entre 2001 e 2015. Deveriam conter em seu título algo que remetesse à Educação, Educação Física Escolar, Sexualidade, Gênero e Identidade. Após a seleção e leitura dos artigos, algumas referências contidas nesses foram selecionadas para aprofundamento de análise e acrescentadas às referências complementares deste trabalho. Ao longo das análises, a temática sobre currículo e formação de identidade foi ganhando corpo e se constituiu como parte fundamental da discussão. Infelizmente, muitos textos ricos em informação e conhecimento foram descartados por não haver tempo hábil para

inclusão no trabalho, visto que foram encontrados em pesquisas realizadas próximo ao término.

Como critérios de exclusão foram utilizados os seguintes fatores:

1. Artigos em outros idiomas;
2. Artigos pouco coesos e carentes de embasamento teórico consistente;
3. Artigos que se repetiam em objetivo, metodologia e/ou conclusão, sem acrescentar fatores pertinentes à progressão do presente estudo;
4. Artigos já selecionados, indexados nas demais bases de dados consultadas;
5. Artigos encontrados fora do tempo hábil de revisão e inclusão no estudo.

Como critérios de inclusão, foram aceitos somente artigos originais, realizado com seres humanos, disponíveis na íntegra de forma gratuita, publicados nos últimos quatorze anos, e que fossem na língua portuguesa ou inglesa. Na busca inicial, utilizando os filtros, foram encontrados 228 artigos: após a leitura dos títulos, foram selecionados 31 artigos; após a leitura dos resumos/abstracts, restaram 10 artigos e, após a leitura dos textos na íntegra, continuaram 10 artigos sendo a amostra final. Todo o processo de sistematização das buscas em todas as bases de dados está ilustrado no organograma a seguir, figuras 2 e 3:



Figura 2 – Organograma das buscas nas bases de dados e nas revistas científicas

Fonte: Próprio Autor (2016)

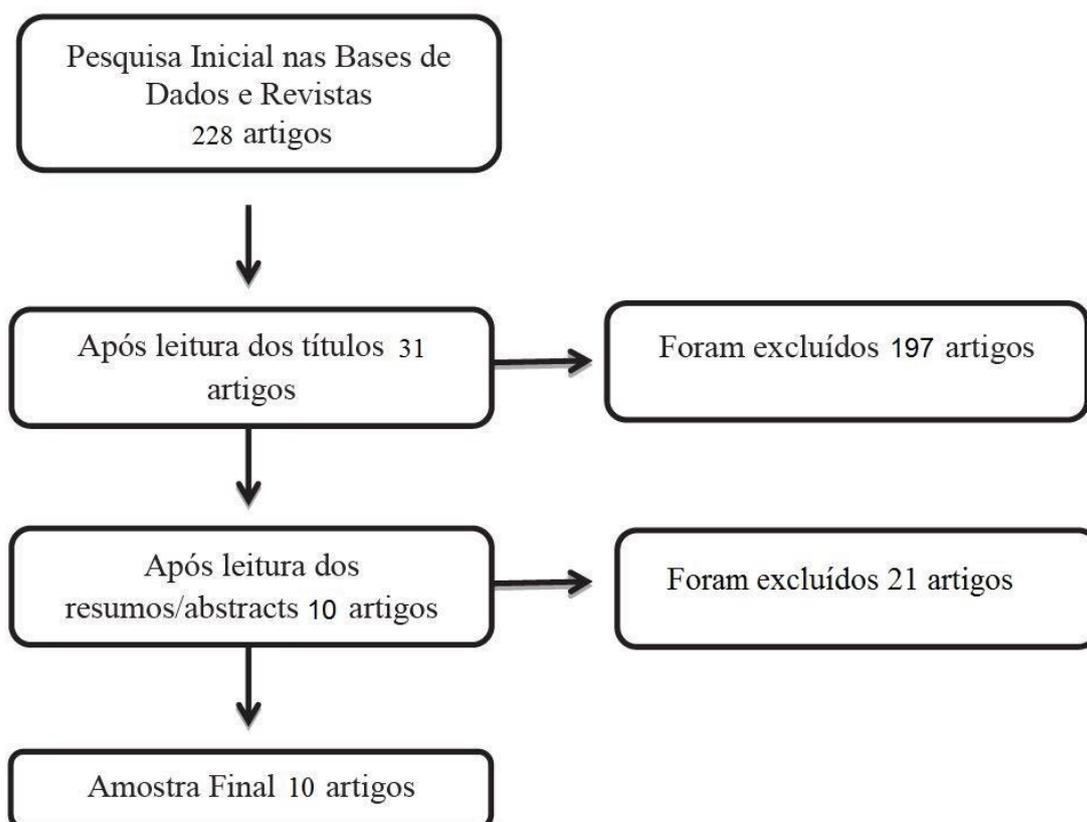


Figura 3 – Organograma de sistematização das buscas nas bases de dados e nas revistas científicas
Fonte: Próprio Autor (2016)

TABELA 2 – Artigos revisados

Revista/Coleção	Autor (a)	Ano	Artigo	Palavras-chaves
Pensar a Prática	Helena Altmann	2012	“Corpo e movimento produzindo diferenças de gênero na educação infantil”	Sexualidade; orientação sexual; educação; gênero; educação física.
	Deborah Thomé Sayão	2001-2002	“A construção de identidade e papéis de gênero na infância articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil”	Educação física; gênero.
	Glenda Macedônia Gutierrez Sabatell	2016	“Gênero e sexualidade na educação física escolar”	Educação física; gênero.
Scielo	Naiara da Rocha Matos	2016	“Discussão de gênero nas aulas de EF”	Educação física; gênero.
	Maria do Socorro Nogueira	2008	“Meninos, meninas ou todo mundo junto”	Educação física; gênero.
Movimento	Helena Altmann	2015	“Estereótipos de gênero nas imagens dos livros didáticos de educação física do Brasil”	Educação física; gênero.
	Alexandre Jackson Chan-Vianna	2010	“Educação Física, gênero e escola, uma análise da produção acadêmica”	Educação física; gênero.
	Nadia Cristina Valentini	2002	“Percepções de competência e desenvolvimento motor de meninos e meninas um estudo transversal”	Educação física; gênero.

	Cátia Pereira Duarte	2007	“Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física”	Educação física; gênero.
RBCE	Helena Altmann	2015	“Educação física escolar e relações de gênero diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula”	Gênero; mulheres; educação formal; diferenças sexuais.

*Fonte: elaborado pelo autor.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O esforço em perceber a discriminação de gênero em qualquer fenômeno social pode deixar turvo o olhar do pesquisador. Ficou evidente nas pesquisas que há a segregação por sexo/gênero nas aulas de EFE. Entretanto, os esforços medidos para descobrir de onde tal ação partitiva é oriunda não é contemplada pelos artigos. Nas pesquisas analisadas, a proposta de perceber a discriminação de gênero nas aulas de Educação Física se transformou em uma camisa de força que obscureceu mais do que iluminou o debate, prendendo-se em um dado já constatado e ignorando as possíveis causas para que haja uma solução viável do problema.

Valentini (2002) cita que a percepção da capacidade motora é um fator segregativo nas aulas de EFE, entretanto, não há um aprofundamento nesse achado, o que remete ao foco no dado da existência da segregação.

Os artigos citam que a influência do professor-mediador é fundamental para o fim das discriminações de gênero na escola, porém, as concepções de boa aula dos professores entrevistados nas pesquisas é um tanto contra o modelo sem a segregação, no qual os professores preferem dar uma aula esportiva para os meninos separadamente das meninas (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012). Logo, mesmo em alguns casos a ação partitiva partir dos alunos, o professor deve intervir para que a segregação não ocorra.

Os temas que envolvem gênero e sexualidade são de suma importância e necessários para o trabalho dentro das escolas, em especial, na Educação Física, pois nas outras disciplinas já não há segregação por essas características (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012; PRADO; RIBEIRO, 2010). Espera-se que, por seu intermédio, os (as) estudantes possam perceber que seus valores, discursos e posturas são social e culturalmente construídos. As aulas de Educação Física podem ser um importante espaço para auxiliar na desconstrução de estereótipos ou práticas que favorecem a segregação de meninos e meninas, podendo também agravar tais ações, dependerá de como o docente irá reger as aulas, tal participação não efetiva acaba ocasionando desigualdades de gênero e sexualidades (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012; PRADO, 2014; PRADO; RIBEIRO, 2010; SANTOS, 2010).

Todavia, infere-se que a repetição de um dado já constatado traz insuficiência de informações para o combate ao sexismo nas aulas de EFE. Sendo assim, estudos futuros devem focar na origem do problema e soluções para tais.

Sabatel et al (2016) cita:

Altmann, Ayoub e Amaral (2011) em uma investigação constataram que metade das (os) professoras (es) não se atentavam às questões de gênero no momento do planejamento anual das aulas. Muitos professores defendiam a segregação por gênero nas aulas, ao reforçarem discursos que evidenciavam expectativas distintas em torno do resultado de suas ações. Tais dados corroboram com os achados de Cruz e Palmeira (2009), pois, por mais que as(os) professoras(es) de sua pesquisa considerassem importante a co-educação, eles ainda empregavam discursos sexistas que deixavam transparecer preconceitos de gênero. (...)

Na concepção de muitas (os) professoras (es), a segregação melhora a qualidade e aproveitamentos das aulas de Educação Física, já que culturalmente os meninos são tidos como mais habilidosos e fortes nas práticas esportivas e jogos coletivos. As meninas, por sua vez, são consideradas mais frágeis, além de não gostarem de suar ou realizar exercícios que exijam maior esforço físico (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012; DORNELLES, 2012; SANTOS, 2010).

Tal pensamento pode ser até compreendido para um andamento melhor da aula. Entretanto, é um pensamento de cunho transversal. Precisamos de um pensamento que tenha característica longitudinal, no qual o futuro seja o que se almeje para uma sociedade com menos preconceitos e melhor convivência mútua. O problema é, justamente, quando a ação discriminatória parte conscientemente do docente, o qual às vezes carrega uma carga opinativa completamente preconceituosa, e isso acaba incentivando uma diversidade de discursos, que carregam a mesma conotação, proferidos pelos alunos diariamente. Novamente, é importante lembrar que o docente é uma grande figura influenciadora no comportamento dos seus discentes.

Numa confraternização entre os professores e coordenadores da escola havia uma cadeira na qual tinha um órgão genital masculino desenhado nela. As pessoas da sala preferiram ficar em pé ao sentar na cadeira. Tinha medo do julgamento, cheios de preconceitos. Provavelmente uma criança desenhou aquilo na intenção de causar um constrangimento a quem sentasse lá. Mas tal constrangimento só acontece, pois os adultos/professores, que deveriam ensinar os valores de uma sociedade sem preconceitos se comportam de maneira oposta, mostrando mais preconceito do que mesmo os próprios alunos. (Diário de Campo, 10/05/2016).

A quadrilha de festa junina é uma tradição de várias escolas públicas do DF. Numa brincadeira dos alunos, na qual um menino disse que dançaria com outro menino, uma das meninas da sala disse que a coordenadora disse que poderia dançar menino com menino, entretanto seria estranho. Por que seria estranho? A influência deste adulto que deveria orientar está trazendo valores retrógrados de uma sociedade repleta de preconceitos e repassando esses valores às crianças. (Diário de Campo, 26/05/2016).

Tais casos mostram o preconceito que é trazido do docente de fora para dentro da escola, e tal preconceito é transmitido para os alunos que, posteriormente, irão reproduzir os mesmos preconceitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos artigos selecionados, foi encontrada uma tendência argumentativa. Existe uma posição inicial identificando a discriminação nas aulas de EFE. Os artigos afirmam que existe sexismo na EFE e que o esporte é o principal instrumento de reforço dessa discriminação. Após a análise dos dados, as pesquisas passam a indicar que a habilidade é o fator de influência na exclusão das meninas, ou o fato de a menina achar que possui uma capacidade motor inferior à do menino. Entretanto, mesmo encontrando evidências e que a habilidade seja o principal motivo da exclusão, tanto para meninas quanto para meninos, os autores dos artigos analisados não investem esforços para compreender este fenômeno: eles se atêm neste fenômeno da discriminação em si e deixam de procurar as razões pelas quais elas acontecem, de onde elas partem, se é do professor, do alunos ou das instituições como escola e família. Os autores das pesquisas analisadas partem da proposta de encontrar a discriminação. Encontram e reforçam o argumento da generificação. Focam-se por diversas vezes em generalizações para argumentar em torno dos efeitos negativos do sexismo encontrado nas aulas de EFE.

Os esforços devem ser feitos em prol do descobrimento das razões pelas quais o problema ocorre e não somente a constatação do problema. Sendo assim, o primeiro caminho para a solução dos problemas de sexismo nas aulas de EFE e, posteriormente, da escola e sociedade.

É preciso criar um espaço no qual as classificações atribuídas por conta de gênero/sexo não aconteçam, pois, hodiernamente, as funções atribuídas às mulheres, deixam-nas em uma posição inferior ao homem. Mesmo sendo da mesma família (teoricamente com a mesma criação), os valores atribuídos a cada um são diferentes, fazendo com que elas ganhem menos e sejam menos valorizadas e respeitadas. Por tal, há essa necessidade de uma educação na qual tarefas, responsabilidades e atividades sejam divididas por igual, sem discriminações por gênero/sexo, para que, no futuro, as mesmas discriminações não ocorram na sociedade. Portanto, a diversidade deve ser vista como algo a ser abordado na escola e nas aulas de EFE, considerando as especificidades de cada região e instituição, aproveitando as inúmeras ocorrências entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem da cultura corporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em Educação Física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491- 501, maio/ago.2011.

Disponível em:
<http://www.jstor.org/stable/24327952?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 07 jun. 2016.

ALTMANN. H; MARIANO. M; UCHOGA. L. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 272550, abr./jun. 2012.

_____. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 2016; 38(2):163-170.

CHAN-VIANNA, A; MOURA, D; MOURÃO, L. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 149-164, abril/junho de 2010.

DUARTE, C; MOURÃO, L. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 01, p.37-56, janeiro/abril de 2007

DURÁN, M.; CAMPOS-ROMERO, I; MARTÍNEZ-PECINO, R. Obstáculos en la comprensión de la violencia de género: Influencia del sexismo y la formación en género [Obstacles towards gender violence comprehension: Influence of sexism and academic training in gender issues]. **Acción Psicológica**, 11(2), 97-106, 2014.

FILHO, M.; EUFRÁSIO, C.; BATISTA, M. Estereótipos de Gênero e Sexismo Ambivalente em Adolescentes Masculinos de 12 a 16 Anos. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.20, n.3, p.554-567, 2011.

GONZÁLEZ-PALOMARES, A; ALTMANN, H; REY-CAO, A. ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS IMAGENS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO BRASIL. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 219-232, jan/mar 2015.

MATOS, N. et al. Discussão de gênero nas aulas de educação física: uma revisão sistemática. **Motrivivência** v. 28, n. 47, p. 261-277, maio/2016.

NASCIMENTO, L. M. Violência doméstica e sexual contra as mulheres: algumas reflexões sobre uma questão complexa. **Biblioteca Virtual CLACSO**, 2000. Disponível em: <<http://www.clacso.org.ar/>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

NOGUEIRA, M. S.; RODRIGUES, A. M. S. Meninos, meninas ou todo mundo junto? A questão do gênero nas aulas de educação física nas escolas da região sudeste da rede Pública municipal de Teresina. In: **III Encontro de Educação Física e Áreas Afins. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Física (NEPEF) / Departamento de Educação Física / UFPI, ANAIS**. Teresina, p.1-6, out. 2008. Disponível em: <<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/def/arquivos/files/MENINOS,%20MENINAS%20OU%20TODO%20MUNDO%20JUNTO.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2016.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD - OPAS. Genero, mujer y salud en las Américas. Washington, DC: **Publicación Científica**, 541, OPAS, 1993.

ROSEMBERG, F.; MOURA, N.; SILVA, P. Combate ao Sexismo em Livros Didáticos: Construção da Agenda e sua Crítica. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.137, p.489-519, maio/ago. 2009.

SABATEL, G et al. Gênero e sexualidade na educação física escolar: um balanço da produção de artigos científicos no período de 2004 a 2014 nas bases do lilacs e scielo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016.

SAYÃO. D. T. Construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática**, 5: 1-14, Jul./Jun. 2001-2002.

STAIN, T. L. M. **Gênero feminino no contexto do trabalho fabril: setor eletroeletrônico em Curitiba e região metropolitana na década de 90.** 2000. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2000.

VALENTINI, N. Percepções de Competência e Desenvolvimento Motor de meninos e meninas: um estudo transversal. **Movimento**, Porto Alegre, V. 8, n. 2, p.51-62, maio/agosto 2002.